



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**TALITA RENALY LINHARES CAVALCANTE**

***COPING* RELIGIOSO/ESPIRITUAL NA COMUNIDADE SURDA:  
CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA O ENCONTRO DE SENTIDO**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2017**

TALITA RENALY LINHARES CAVALCANTE

***COPING* RELIGIOSO/ESPIRITUAL NA COMUNIDADE SURDA:  
CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA O ENCONTRO DE SENTIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de formação Psicologia.

Área de concentração: Saúde

Orientadora: Prof. Me. Lorena Bandeira de Melo Sá

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376c Cavalcante, Talita Renaly Linhares.  
Coping religioso/espiritual na comunidade surda  
[manuscrito] : Contribuições da logoterapia para o encontro de  
sentido / Talita Renaly Linhares Cavalcante. - 2017.  
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá,  
Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Logoterapia. 2. Surdos. 3. Religiosidade. 4.  
Espiritualidade.

21. ed. CDD 616.891 6

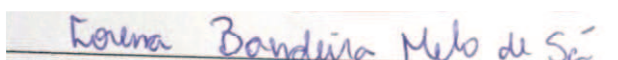
**TALITA RENALY LINHARES CAVALCANTE**

**COPING RELIGIOSO/ESPIRITUAL NA COMUNIDADE SURDA: CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA O ENCONTRO DE SENTIDO**

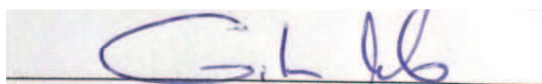
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de formação Psicologia.  
Área de concentração: Saúde

Aprovada em: 12/12/2017

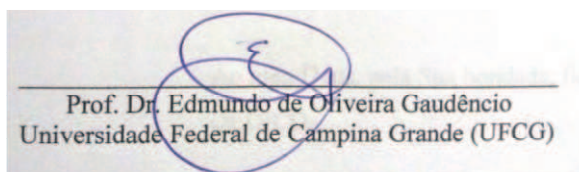
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Lorena Bandeira Melo de Sá  
(Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



## AGRADECIMENTOS

À Deus, que me sustenta todos os dias, que é a minha razão de levantar todas as manhãs, que me dá forças para permanecer, mesmo diante das dificuldades. Por Ele, por meio Dele e Para Ele são todas as coisas.

Aos meus pais, por todos os ensinamentos e amor. Em especial a minha mãe, que me agüentou diariamente, que suportou cada estresse, que ouviu cada choro, que durante as madrugadas me ouvia recitar várias vezes o mesmo texto para dar sua opinião se estava bom, que mesmo quando eu não estava bem fazia meu café da manhã e se preocupava com a minha alimentação, que orou comigo quando tive medo, que se esforçou como ninguém, para que eu estivesse onde estou hoje, essa conquista é nossa.

À TODOS da minha família, que sempre acreditam em mim e demonstram isso diariamente, em especial a minha Da Paz, que esteve sempre presente durante esses anos, que me ajudou quando precisei e que faz parte dessa conquista.

Aos meus Padrinhos, que sempre me apoiaram e se fizeram presentes em minha vida, que cuidam de mim sempre que preciso e aos quais tenho um amor que não consigo descrever.

Aos meus amigos, dos quais não citarei nomes para não faltar com nenhum, que oraram por mim e me deram suporte em dias difíceis, que ofereceram sua ajuda e que foram pacientes com minha ausência em alguns momentos, vocês ajudaram a tornar esses dias mais leves.

Aos meus líderes: Pr. Daniel, Pra. Ana, Bpa. Vanessa. Pessoas nas quais confio meu coração e que são de extrema importância na minha vida e que mostraram seu amor e cuidado por mim ainda mais nesses dias, vocês me estimulam a ser melhor.

À Katarina, que me trouxe o suporte psicológico e me ensinou a resolver questões dentro de mim, que fez emergir minhas potencialidades e ajudou a ser a cada dia mais autêntica.

Aos intérpretes de libras que entrei em contato durante a produção do TCC, que se mostraram dispostos a me ajudar, me deram todo o apoio que precisei e me fizeram conhecer um pouco mais da cultura surda.

Aos meus professores do Colégio Panorama, todos eles fazem parte da pessoa que me tornei hoje, em especial à professora Érica Fabrícia, que me motivou, quando eu

estava querendo desistir tema de TCC, não apenas com palavras, mas me ajudando a resolver as dificuldades.

À alguns professores, em específico, que me ajudaram nessa jornada: Paulo César, que não tive a honra de conhecer pessoalmente, mas que desde 2014 troca email comigo sobre o atendimento psicológicos com surdos, que me deu várias idéias para temas de TCC nessa área, inclusive a ideia da qual se originou este tema, que sempre se mostrou extremamente humilde e pronto para me ajudar e que espero ter o prazer de conhecer pessoalmente; Karen Guedes, que desde o momento que eu conheci me motiva a escrever sobre o tema, que prontamente me mandou materiais para usar como referência e que esclarece minhas dúvidas com toda atenção; Roniere, que sempre se mostrou solícito e disposto a me esclarecer meus questionamentos e que me apresentou várias dicas de como fazer um trabalho melhor.

À minha orientadora linda, que é um referencial para mim, que eu tenho um profundo respeito, não apenas como profissional, mas como pessoa, que me ensina a ser melhor, que me acalmou quando eu achei que estava tudo errado, que compartilhou comigo de momentos difíceis, que me viu chorar, que chorou comigo, que é extremamente humilde, que me ensinou que um professor ganha o respeito dos seus alunos, não quando impõe, mas quando se dispõe. Grata por não ter tido apenas uma professora, uma orientadora, mas por ter ganhado uma amiga.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. Em especial a Emillyn, Paloma, Sâmela, Katy, Daniela, Vilma, Marineide, Gilclean, Thamirys, que tornaram esses cinco anos mais divertidos, que trouxeram suporte quando precisei e que sei que posso contar não apenas na UEPB, mas na vida, levo vocês em meu coração.

À minha banca, composta por pessoas que eu confio e tenho um grande respeito e admiração. Prof. Edmundo Gaudêncio, que me ensina diariamente sobre ética, que não foi apenas um professor, mas que deixou claro sua preocupação pelos alunos em todas as outras áreas da vida; Prof. Gilvan Melo, que através de sua vivência me ensina a ser uma profissional excelente, que me orientou com cada paciente e que, através de sua escuta, me fazia sentir validada.

Aos funcionários do Departamento de Psicologia da UEPB, que durante esses anos me ajudaram, desde a limpeza da sala, do sorriso na porta de entrada, da condução de pacientes para o consultório, até da resolução de problemas burocráticos.

A todos que de maneira direta e indireta contribuíram para formação da pessoa e profissional que sou hoje, OBRIGADA!

“Nada proporciona melhor capacidade de superação e resistência aos problemas e dificuldades em geral do que a consciência de ter uma missão a cumprir na vida ”

Viktor Emil Frankl

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
A HISTÓRIA DOS SURDOS.....	9
RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE .....	12
<i>COPING</i> RELIGIOSO/ESPIRITUAL .....	15
LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL .....	17
CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA ENCONTRO DE SENTINDO ATRAVÉS DO <i>COPING</i> RELIGIOSO/ESPIRITUAL .....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	24

## COPING RELIGIOSO/ESPIRITUAL NA COMUNIDADE SURDA: CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA O ENCONTRO DE SENTIDO

Talita Renaly Linhares Cavalcante

### RESUMO

Temas e ações voltadas para inclusão social têm ganhado espaço em todas as áreas da sociedade e na religião não é diferente. Muitas instituições religiosas vêm apresentando diversas estratégias para abarcar a maior e mais ampla quantidade de seguidores. Trazendo essa informação para a realidade da comunidade surda, é possível ver que muitas dessas instituições estão aderindo ao uso de um intérprete para sinalizar durante suas reuniões, tendo, algumas delas, ações específicas para esse público, suscitando assim, uma aproximação com a religião e conseqüentemente, um aumento destes nas reuniões. O presente artigo trata-se de uma revisão de literatura que teve por objetivo descrever e analisar as contribuições que a logoterapia traz sobre a busca de sentido através do *Coping* Religioso/Espiritual na comunidade surda. A partir dessa análise e descrição foi possível observar o quanto esta estratégia de *Coping* pode ser eficaz em sujeitos surdos e a sua importância para o desenvolvimento espiritual e o bem estar mental e físico do mesmo.

**Palavras-chave:** Surdos, logoterapia, religiosidade, *coping*, espiritualidade

### INTRODUÇÃO

A comunidade surda tem conquistado seu espaço, tendo sua própria cultura, mas essa conquista é fruto de um processo de anos de luta, onde muitos preconceitos precisaram ser vencidos. Pode-se considerar que a Linguagem Brasileira de Sinais – Libras é um dos avanços recentes e que foi alcançado depois de muito esforço, sendo possível observar nos últimos anos um aumento significativo do uso da linguagem de sinais no Brasil. Algumas instituições vêm aderindo a ideia de inclusão social, inclusive as instituições religiosas que, trazendo para o tema proposto, tem aderido ao uso de intérpretes em suas reuniões, aumentando, assim, os grupos de surdos nestes locais. Acredita-se que um dos motivos para estes sujeitos estarem participando desses grupos, além do sentimento de pertença quanto ao grupo, é a busca por sentido de vida. Diante disto, pode-se estabelecer uma relação entre essa busca por sentido e a Psicoterapia do Sentido da Vida, a logoterapia.

A logoterapia é uma abordagem da psicologia criada pelo psiquiatra Viktor Emil Frankl, conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia ou Psicoterapia do Sentido da Vida, trabalha com a fenomenologia e o existencialismo, tendo muita influência da

filosofia e apresenta uma visão de homem diferente das demais abordagens, pois acredita neste como um ser que pode encontrar sentido nas situações diárias e um sentido último na vida, possuindo uma dimensão noética ou espiritual, assim, o homem na sua visão é bio-psico-noético, isto é, possui uma dimensão biológica, uma psíquica e outra noética ou espiritual, esta última dimensão, diferente do que as pessoas acreditam, não só está voltada para os princípios religiosos, mas também, para todos os aspectos saudáveis do sujeito e que o direciona para o sentido, como valores, afetos, inclinações, entre outros.

É possível fazer uma ligação entre os conceitos utilizados por Frankl e a busca dos surdos em templos religiosos como uma forma de encontrar um sentido na sua vida, entendendo a religiosidade como uma expressão de espiritualidade e o *Coping* Religioso/Espiritual, como um dos recursos utilizados por esses sujeitos para lidar com situações diárias adversas. Desta forma, no momento em que as instituições decidem adotar o uso da Libras torna-se mais fácil essa busca e essa expressão, além disso, existe o sentimento de pertença, que os fazem se sentir parte do grupo aumentando sua segurança e aceitação.

Em conversas informais com alguns profissionais da área de Psicologia que trabalham com Surdos, foi possível perceber que aqueles inseridos em comunidades religiosas vêm apresentando uma motivação maior para a vida. Sendo importante a verificação da relação existente entre esse discurso e o uso do *Coping* Religioso/Espiritual, neste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico com o objetivo de descrever e analisar as contribuições que a logoterapia e análise existencial podem trazer sobre este tema. Para isto, foram realizadas pesquisas em algumas bases de dados como Scielo e Google Acadêmico, sem especificar data em filtro.

Sabe-se que é de suma importância o desenvolvimento de estudos que abarquem a realidade surda, ficando mais evidente quando entende-se os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) citados por Oliveira (2014), os quais mostram que cerca de 5,1% da população é surda, isto é, 9.730.000 de surdos contabilizados no ano de 2010, sendo esta a estatística mais recente, entretanto, observa-se que a cada ano esse número vem crescendo.

Apesar desse crescimento, houve dificuldade em encontrar materiais sobre o tema proposto, sendo perceptível uma abrangência maior quando se trata dos temas separadamente, ou na relação entre religiosidade e saúde, já os temas de psicologia, a maioria quando fazia relação com a surdez, o foco estava nas dificuldades encontradas pelos profissionais e não na própria comunidade surda. Diante disto, destaca-se a relevância desse trabalho por serem poucos os estudos acerca da relação entre Psicologia, *Coping* Religioso/Espiritual e

comunidade surda, além disso, por ampliar a visão sobre a importância da dimensão espiritual para um melhor bem estar não apenas psíquico, mas social.

## **A HISTÓRIA DOS SURDOS**

Em cada período histórico a concepção acerca do indivíduo surdo foi se alterando. Segundo Strobel (2009), a história dos Surdos pode ser dividida em três grandes fases: A revelação cultural, que seria a fase em que os surdos não tinham problemas em relação à educação, dominando a escrita e sendo bem sucedidos, muitos como escritores, professores e artistas; O Isolamento Cultural, que seria a fase em que ocorreu o congresso de Milão de 1880 proibindo o uso da língua de sinais na educação dos surdos; e a terceira fase, que seria o Despertar Cultural, onde, após muitos anos de opressão, ressurge o uso da língua de sinais.

Ainda sobre a concepção dos Surdos, Strobel (2009) cita que é mais comum encontrar os fatos da história surda divididos nos cinco grandes períodos: a pré-história, a Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. É importante esclarecer que o fato de cada lugar ter uma cultura diferente faz com que, apesar de ser o mesmo período, varie a concepção acerca dos Surdos de uma nação para outra. No caso da Idade Antiga ou Antiguidade a concepção variava nos dois extremos: ou mereciam a morte ou eram endeusados. Aristóteles acreditava que os surdos eram incapazes de pensar, já no Egito e na Pérsia eram tidos como enviados pelos deuses, sendo nessas nações respeitados e honrados, apesar de não serem educados, em Roma e na Grécia, acreditavam que os surdos eram amaldiçoados, que eram um incômodo para sociedade e que deveriam ser abandonados, mortos ou feitos como escravos, como pode-se ver nessa citação:

Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: “A infeliz criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada podia esperar (BERTHIER, 1984, p. 165 apud STROBEL, 2009).

Oliveira (2013) destaca que as práticas e costumes desenvolvidos para as pessoas com deficiência, na idade antiga, teve grande influência da religiosidade, entretanto, essas práticas foram reinterpretadas de acordo com o interesse da classe. Ressalta também, a concepção existente na Idade Média, de que os surdos não eram considerados humanos, pois não eram “imagem e semelhança de Deus”, já que nasceram “com defeito”, assim, o fato de não serem



compreendidos levava-os a não poderem confessar seus pecados, o que fez com que a Igreja a partir dessa observação, tentasse educá-los.

Para isso, foram convidados monges beneditinos, que haviam criado uma linguagem gestual para se comunicarem quando estavam em clausura e com o voto de silêncio, desta forma, eles ficaram encarregados da educação dos surdos. Foi no fim da Idade Média, quando os dados em relação a educação e a vida da criança surda estavam mais disponíveis, que decidiram integrar-las na sociedade, entretanto dependendo da sua classe social de origem, ela poderia receber cuidados e educação, ou caso contrário, dependeria das obras de caridade da Igreja. (SANTIAGO, 2011 apud OLIVEIRA, 2013).

É na Idade Moderna que a concepção sobre da surdez começa a mudar e os mesmos passam a ser vistos como humanos, com capacidade de se expressar e de aprender. Strobel (2009) apresenta diversos acontecimentos importantes dessa época, como a afirmação do médico filósofo Girolamo Cardano, que relata não existir impedimentos para a aprendizagem do surdo. Na mesma época surge na Espanha a primeira escola para surdos, em um monastério, estabelecida pelo monge beneditino Pedro Ponce de Leon, que usava como técnica a datilologia, a escrita e a oralização, criando, logo após, uma escola para professores surdos. Vale ressaltar que os surdos que recebiam educação geralmente eram de famílias ricas, pois os filhos só poderiam receber a herança se falassem, então os pais se interessavam pela educação dos mesmos.

Outro nome importante nesta época foi o de Charles Michel de L'Épée, que através do contato com duas gêmeas surdas iniciou uma relação com os surdos carentes de Paris e tentou instruí-los em sua própria casa com as combinações de línguas de sinais e gramática francesa, sendo, na época, muito criticado, principalmente por educadores oralistas. Mesmo assim, fundou a primeira escola pública para surdos e treinou diversos professores (STROBEL, 2009).

Olhando hoje para a iniciativa de L'Épée, vemos que a institucionalização da educação dos surdos, embora na época tivesse como objetivo maior o ensino da língua francesa, constitui parte da cultura surda, tão defendida pela comunidade surda atual e pensada por pesquisadores voltados para a temática dos surdos dentro de uma perspectiva cultural (LOPES, 2007, p. 45 apud OLIVEIRA, 2013).

Na Idade Contemporânea, o método que prevalecia para educação dos surdos era o oralismo, depois da saída de L'Épée da diretoria da escola houve uma disputa e o homem que ganhou, Gérando, acreditava que o povo europeu era um povo superior e que a língua de sinais era uma língua pobre comparada ao oralismo. Assim, substituiu todos os professores



surdos por professores ouvintes na intenção de oralizar todos os surdos, entretanto, depois de anos de trabalho percebeu e reconheceu a importância do uso da língua de sinais (OLIVEIRA, 2013)

Em 1857 foi fundada, no Brasil, sob o Império de D. Pedro II, a Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, sendo a primeira escola para surdos do país e tendo uma grande influência de Ernest Huet, diretor de um instituto em Paris, que misturou a língua de sinais francesa com alguns sinais já utilizados no Brasil, 100 anos após sua fundação passou a chamar-se Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), como é até hoje conhecida.

Entretanto, em 1880 aconteceu a conferência de Milão, nesta, foi votado e decidido que o método mais adequado para a educação de surdos seria o oralismo, ficando proibido o uso da língua de sinais. Strobel (2009) fala que esse congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por especialistas ouvintes e que foi negado o direito de votar de todos os professores surdos. Assim, foi proibido o uso da língua de sinais, sobre a justificativa que os surdos não falavam por “preguiça”, então com a proibição eles iriam ser forçados a oralizar, pois não teriam outra opção de comunicação.

A partir desse momento se estabelece uma perseguição aos surdos que sinalizavam, Gesser (2009) ao citar Padden e Humphries (1988) diz que as escolas forçavam os surdos a fazerem leitura labial e quando eles desobedeciam eram castigados fisicamente, tendo as mãos amarradas em sala de aula. Muitos desses registros são de outros países, mas acredita-se que no Brasil não foi diferente, até porque segundo algumas narrativas, a língua de sinais era vista como um código secreto, por ser usada pelos surdos mesmo após a proibição, e como uma forma exótica e extremamente agressiva.

Depois de anos de luta, em 2002 foi conquistado o direito à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação, através da lei 10.436. A LIBRAS é uma língua, pois apresenta toda estrutura necessária, como cita Gesser (2009), tanto em níveis fonológico e morfológico quanto em sintático e semântico. Após essa conquista foi regulamentado aos surdos, através do Decreto 5.626, o direito a educação bilíngüe nas escolas e outras formas de inclusão como atendimentos especiais em órgãos públicos, sendo importante esclarecer o que é a educação bilíngüe, como traz Witkoski e Douettes (2014), é aquela na qual a LIBRAS é usada como primeira língua e a modalidade escrita de Língua Portuguesa como segunda língua.

Mesmo sendo decretada, sabe-se que, na prática, essa lei não tem sido executada como deveria, pois, apesar de muitos avanços, ainda é notório os preconceitos existentes com a comunidade surda, preconceitos esses que estão, em sua maioria implícitos em discursos

aparentemente a favor da comunidade, como por exemplo, o uso do implante coclear, no qual muitas crianças são submetidas a esse tipo de procedimento invasivo como uma forma de “normatização” ou cura da surdez. Esse é um tema que levanta muitas discussões, devido à quantidade de argumentos que existem a favor e contra esse procedimento, entretanto, ao ter contato com a comunidade surda, percebe-se que eles não recebem muito bem essa ideia, pois têm orgulho de sua cultura.

Ao falar sobre a cultura surda, Oliveira (2014) diz que esta refere-se às formas de organização, de linguagem, de juízos de valor, entre outros, que os Surdos utilizam, não na intenção de disputar lugar com a cultura ouvinte, mas de se colocar como um grupo cultural, com organização e características próprias. Entretanto, mesmo com essa organização, Oliveira (2013) relata que em específico, na situação da surdez pode-se perceber em seus discursos uma forte carga de sofrimento e culpa, acreditando que são vítimas de um castigo divino para os seus pais e se perguntando “porque comigo?”. É diante desses questionamentos e de procurar maneiras para se adaptar a essas situações e sentimentos, que muitos indivíduos se voltam para a religião, configurando assim, o que se entende por *Coping* Religioso/Espiritual. Entretanto, para entender o que é o *Coping* Religioso/Espiritual é importante esclarecer a diferença entre os termos espiritualidade e de religiosidade.

## **RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE**

São diversas as áreas do conhecimento que estudam as religiões, desde a sociologia, perpassando pela antropologia e filosofia, até chegar à psicologia. Esta última está relacionada ao indivíduo e como ele se porta diante da religião, entendendo que os aspectos religiosos, já trazem características acerca do sujeito e desmistificando a ideia de que esta área da psicologia estuda as religiões em si, ficando mais claro na citação a seguir:

A psicologia da religião é, essencialmente, o estudo, com método e instrumentos psicológicos, daquilo que há de psíquico na religião. Interessada na vivência religiosa, mais do que na religião como tal, ela estuda a conduta religiosa, individualizando, por exemplo, os fatores que condicionam o seu surgimento e estruturação, os aspectos perceptivos, intelectivos, emotivos, afetivos, sociais que caracterizam, os conflitos que atravessam o seu desenvolvimento, dinamismo e os processos, conscientes e inconscientes, por meio dos quais o homem atinge um posicionamento pessoal (não apenas no sentido de adesão a fé, mas também, eventualmente, de negação e recusa) no confronto com o sistema simbólico religioso que encontra na sua cultura (ALETTI, 2001 apud LOPEZ, 2008).

Tomando por base a psicologia da religião e analisando seus conceitos de uma forma geral, é notório que, para o senso comum, as definições de religião, religiosidade e de espiritualidade, são tidas como sinônimos, sendo necessário esclarecer que existem limites entre estes conceitos. Além disso, percebe-se também que, ainda existe uma resistência por partes de profissionais da psicologia, em abordar temas como a religiosidade de seu paciente ou cliente, mostrando assim, que esses conceitos não estão confusos apenas para leigos, mas que profissionais têm usado de senso comum quanto a eles. Essa resistência pode ser encontrada durante a história da psicologia norte-americana, na qual houve uma época em que o tema da religião era importante, entretanto com o avanço de algumas correntes psicológicas, a religião passou a ser vista como de pouca relevância e, assim, passou a ser negligenciada.

Essa situação só começou a ser mudada após vários cenários históricos, sendo um deles, a união de alguns profissionais de distintas áreas do conhecimento, na qual se obteve a criação de uma nova visão antropológica do ser humano (VALLE, 2005). Após essa nova visão, a psicologia retornou seu olhar para a religião e atualmente existem diversos trabalhos acadêmicos baseados nos conceitos desta. Assim, é importante traçar essa linha entre os conceitos, a fim de que se possa entender o conteúdo aqui apresentado.

Diversos são os conceitos da literatura sobre religião, religiosidade e espiritualidade, então, é necessária uma visão geral sobre os mesmos, com o enfoque naqueles que será útil para o proposto neste trabalho. Assim, Valle (2005) traz sua definição de religião baseada em Max Weber, que diz ser algo apenas funcional, estando associada a uma busca realizada socialmente pelo sentido e pelo sentimento de pertencer a algo. Diante disto, Valle diz que para a psicologia essa definição não estagna por aí, pois é através dessa visão e dessa construção que o mundo passa a ter um significado para este sujeito, além do sentimento de pertença a Alguém, sendo esta uma partilha da fé, complementando que essas pessoas têm experiências “espirituais” únicas, mesmo diante da sua ideia de finitude

Stroppa e Moreira-Almeida (2008) baseiam-se em Koenig ET al (2001), para afirmar que, a religião é uma organização com o objetivo de facilitar a relação com o transcendente e que para isso utiliza suas crenças e rituais. Já a religiosidade seria o quão participante o sujeito seria nesse contexto religioso e a forma como essa participação estaria influenciando o dia a dia dele e sua relação com o mundo e com as pessoas.

Para Angerami (2008) a religiosidade está ligada ao desejo profundo pelo sagrado, por algo superior, que pode ser uma energia que nos impele em direção aos diferentes conceitos sobre Deus. Valle (2005) diz que para ele a religiosidade se refere à experiência

individualizada do transcendente e deve ser diferenciada da religião, pois esta é a sua matriz instituída.

No que diz respeito a espiritualidade Angerami (2008) diz que esta é a busca de elevação da condição humana, não dependendo necessariamente da busca de Deus, assim, acredita que tudo que for buscado na tentativa de elevação da condição humana é um ato de espiritualidade. Além do conceito citado acima:

Tem-se por espiritualidade o conjunto de todas as emoções e convicções da natureza não material, com a suposição de que há mais no viver do que no poder ser percebido ou plenamente compreendido, remetendo a questões como o significado e sentido da vida, não se limitando a qualquer tipo específico de crença ou prática religiosa” (WHOQOL Group, 1998 apud Silva & Silva, 2014)

Koenig et al (2001), citado por Stroppa e Moreira-Almeida (2008), defende que a espiritualidade seria a procura por respostas que levem a compreensão de questionamentos últimos acerca da vida, da morte, da relação com um ser superior, sendo esta busca independente de rituais religiosos, podendo ser originados neles ou não. Giovanetti (2005) corrobora com isso ao afirmar que a espiritualidade não necessariamente exige fé em um ser transcendente, essa é uma característica da religiosidade, mas que, toda experiência que gere uma mudança profunda no interior de um sujeito e o leve a se conhecer pessoalmente e interagir com outros, é uma expressão e vivência de espiritualidade.

Valle (2005) diz que a espiritualidade expressa o sentido mais íntimo do que se é e do que se vive, que ela é uma procura pessoal de sentido, estando unida à motivação que nos leva a crer, lutar e amar. Do ponto de vista histórico ela era expressa, preferencialmente, em vivências de cunho religioso, mas deixa claro que existem outras formas de expressão da espiritualidade que não são religiosas, mas que podem ser experiências humanas extremamente profundas.

A espiritualidade se inclina para o motivo último da vida, mas não foge daquilo que precisa ser feito durante essa vida, pelo contrário, se compromete com eles. Diante disto, é possível enxergar a espiritualidade como um grande círculo e a religiosidade dentro dela, podendo ser uma forma de expressão dessa espiritualidade, isto é, uma elevação. Após esclarecido a diferença entre os termos, faz-se necessário entender o que é o *Coping* e qual a relação que pode ser feita com a comunidade surda.

## **COPPING RELIGIOSO/ESPIRITUAL**

Cada pessoa, em sua unicidade, responde de maneiras diferentes diante das situações que a vida lhe apresenta, seja ela qual for, até mesmo, porque, a classificação de ser uma situação boa ou ruim dependerá de como o sujeito a interpreta. O fato é que diante de situações inesperadas e adversas muitas vezes é necessário o desenvolvimento de estratégias para enfrentar, suportar, se adaptar ou superar essas dificuldades, essas estratégias são chamadas de *Coping*. O termo não tem uma tradução fidedigna no português, muitos o traduzem como enfrentamento, entretanto esta palavra não abarca o total significado do termo, pois enfrentamento está relacionado a “encarar”, todavia, a fuga ou negação, por exemplo, podem ser uma forma de *Coping* (AMARO, 2014).

Na concepção da Psicologia da Religião, Pargament, citado por Stroppa e Moreira-Almeida (2008), conceitua *Coping* como uma forma de procurar significados em tempo de estresse ou como um processo com o qual o sujeito tenta lidar e entender algumas situações significantes em sua vida.

A comunidade surda já obteve grandes conquistas, mas sabe-se que, ainda existem muitas dificuldades e lutas a serem vencidas por este público, vê-se isso, por exemplo, no não cumprimento, ou cumprimento parcial da lei. Ainda existe uma grande luta para que os ambientes sejam acessíveis a este público e para que a sociedade entenda e enxergue o surdo como um sujeito com autonomia, que possui uma cultura e uma linguagem diferente da tradicional.

Por essa visão ainda ser distorcida situações diárias corroboram para o constrangimento e a exclusão desses sujeitos como, por exemplo, ao utilizarem de um espaço público e precisarem desenvolver recursos para se comunicar, porque o local não dispõe um intérprete, como é possível ver na fala de uma entrevistada pelo Portal Brasil (2016), que conta a sua dificuldade ao necessitar de um atendimento em um hospital: “[...] *Tenho de explicar para o médico que eu consigo ler, ele tem de escrever para mim. Ele pode passar um remédio que eu tenha algum tipo de alergia, eu tenho de ter bastante atenção.*”; Ou um estudante surdo que tirou a nota máxima na redação do ENEM e não conseguiu acompanhar as aulas nas instituições que passou, e diante de uma entrevista ao G1(2017) expressou seu sentimento em relação ao tema do último ENEM: “*O tema da redação realmente me comoveu. Me comoveu porque finalmente vi que eu existia. Existia ali o surdo. Eu sempre me senti excluído por ter a minha deficiência [...]*”.



Diante disto, sabe-se que os surdos desenvolvem diversas estratégias para lidar com essas situações diárias e com a busca por respostas a alguns questionamentos existenciais, como o tão comum: “Porque comigo?”, é neste contexto que o *Coping* Religioso/Espiritual pode ser introduzido, podendo ser um desses métodos utilizados, pois traz suporte para lidar com essas dificuldades e respostas para estes questionamentos. Stroppa e Moreira-Almeida (2008), afirmam que a percepção de uma relação com Deus pode mostrar ao sujeito um socorro e um sentido para sofrimento, dizendo ainda que a religião pode trazer diversos métodos de *Coping* e que, contrário ao que aparenta, não são, necessariamente, métodos passivos ou de negação, mas sim métodos que cobrem vários comportamentos, emoções e relações.

Neste artigo será utilizado o termo *Coping* Religioso/Espiritual (CRE) ao invés de apenas *Coping* Religioso, como existem em algumas literaturas, pois, no decorrer dos anos o termo foi sofrendo alterações. Apesar de serem termos independentes, Panzini e Bandeira (2007) esclarecem quem existem perigos ao exagero em separar os termos, pois antes de serem independentes eles são relacionados, podendo gerar uma necessidade infundada de duplicação de medidas de avaliação. Amaro (2014), ao citar Pargament (1997), aplica o conceito de CRE para fazer uma alusão ao processo pelo qual o sujeito, por meio das crenças, comportamentos religiosos ou sua espiritualidade, tenta lidar, entender, suportar e/ ou enfrentar situações ou exigências importantes em sua vida. A autora cita também a definição de Panzini (2004), que conceitua o CRE como o uso de crenças e comportamentos religiosos para ajudar na resolução de problemas e, diante das conseqüências negativas de uma vida estressante, preveni-las ou aliviá-las.

Stroppa e Moreira-Almeida (2008), ao citar um estudo feito por Pargament e colaboradores, esclarece que o CRE podem ser classificados em dois aspectos: positivo e o negativo. O CRE positivo estaria associado ao perdão religioso, ao apoio dos membros da comunidade, a conexão espiritual, a colaboração entre a pessoa e Deus no tratamento; já o CRE negativo seria em responsabilizar Deus e delegar a ele a solução dos problemas, questionar à Deus, não tentar lidar com a situação, apenas esperar que Deus faça algo. Entretanto, os mesmo autores, afirmam que existem evidências em estudos que apontam um uso maior de CRE positivo do que negativo. Os autores afirmam também que:

Crenças religiosas influenciam o modo como as pessoas lidam com situações de estresse, sofrimento e problemas vitais. A religiosidade pode proporcionar a pessoa maior aceitação, firmeza e adaptação a situações difíceis de vida, gerando paz, autoconfiança e perdão, e uma imagem positiva de si mesmo. Por outro lado, dependendo do tipo e uso das crenças religiosas, podem gerar

culpa, dúvida, ansiedade e depressão, por aumento de autocritica.(STROPPA e MOREIRA-ALMEIDA,2008)

Ficando claro o que anteriormente foi citado, sobre a unicidade de cada pessoa e conseqüentemente a estratégia utilizada por cada um, esses mesmos autores citam dados de estudos publicados sobre a correlação positiva e significativa encontrada nas variáveis de bem estar psicológico associados a comportamentos e práticas religiosas, nos quais, de 100 estudos, 79 encontraram esses resultados. Assim, é necessário entender que existe um grande debate sobre essa relação de bem estar psíquico com a religiosidade, sendo citadas duas questões: uma delas seria a regulação social, que seriam as normas de condutas ensinadas na religião; a outra faz relação direta com a interação social, entendendo a importância do vínculo e do suporte social de qualidade que a comunidade religiosa oferece.

Neste contexto, faz-se necessário esclarecer que ser surdo não está sendo associado a um problema, até mesmo porque neste artigo não está sendo trabalhado o conceito de surdez que é vinculado a medicina, que enxerga a surdez como uma deficiência, mas sim o conceito que compreende a surdez a partir do modelo sócio-antropológico, isto é, como uma particularidade ético-linguística, onde participar de cultura permite que eles se fortaleçam e elevem a autoestima, podendo ser a religiosidade um elemento deste cultura (OLIVEIRA,2014). Apesar deste entendimento, sabe-se que ser surdo é uma particularidade que apresenta desafios, muitas vezes, maiores do que os encontrados na vida de um ouvinte, pois traz consigo uma barreira que hoje ainda é grande, a da comunicação.

Assim, comunidades religiosas que utilizam interpretes em suas reuniões tem quebrado essa barreira e aproximado os surdos da religião, onde nestas eles têm encontrado um suporte para lidar com as situações diárias e com os questionamentos existenciais. Utilizando da definição que Valle (2005) faz acerca da religião como um campo de indagações pelo sentido e entendendo que essas indagações também permeiam os pensamentos dos surdos, faz-se necessário analisar o *Coping* Religioso/Espiritual a partir da ótica da Logoterapia e Análise Existencial.

## **LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

A logoterapia foi criada por Viktor Emil Frankl e é uma psicoterapia centrada no sentido da vida. Frankl nasceu em Viena, no dia 26 de março de 1905, sua família era judia, sendo seu pai Secretário do Ministério da Educação Vienense e sua mãe, como os padrões das

famílias judaicas, dedicava-se ao lar. Desde cedo Frankl apresentava interesse na psicologia, aos 16 anos escreveu sua primeira carta para Freud, depois de algum tempo trocando correspondências, Frankl teve seu primeiro artigo publicado na Revista Internacional de Psicanálise, entretanto, ao começar a estudar a fundo as idéias de Freud, percebeu que suas visões divergiam em alguns aspectos, como na visão de homem, e decidiu romper com Freud.

Após o rompimento, Frankl opta por se associar a Alfred Adler, criador da psicologia individual, por acreditar que a concepção desta teoria estaria mais próxima de suas idéias, entretanto, Adler se incomoda com as ideologias de Frankl e depois de alguns anos ele é expulso da Sociedade Adleriana. Aos 25 anos, em 1930, formou-se em medicina e seis anos depois se especializou em neurologia e psiquiatria. Em 1940 começou a dirigir o departamento de neurologia do Rothschildspital, onde cuidava de pacientes judeus. Em 1942 se casa com Tilly, com quem não tem a oportunidade de viver muito tempo, pois meses depois, Frankl e toda a sua família foram presos no campo de concentração. Ele passou cerca de três anos entre vários campos, era o prisioneiro nº 119.104, e nesta situação teve a oportunidade de viver a sua teoria e de validá-la, ajudando outros através dela.

Frankl percebeu que aqueles prisioneiros que não cometiam suicídio tinham uma razão para permanecer vivos, no caso dele, seria reencontrar Tilly e escrever seus livros. Aos 40 anos, em 1945, Frankl foi liberto, não conseguiu reencontrar sua família e alguns meses depois voltou para Viena, onde soube que Tilly havia falecido, após isso editou o livro: “Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração”. Em 1946 conheceu e se apaixonou por uma enfermeira da Policlínica que ele chefiava, no departamento de Neurologia, com quem se casou e teve uma filha. Depois disso Frankl escreveu e publicou vários dos seus livros, viajando por vários países e propagando a logoterapia. Em 1997, aos 92 anos, Frankl faleceu no hospital de Viena.

Após um breve resumo da biografia de Frankl, faz-se necessário entender mais a fundo um pouco de sua teoria. O termo “Logos” vem do grego e significa sentido, sendo interessante citar que na logoterapia não trabalha-se apenas com o sentido último, que seria o sentido da vida, mas também, com o sentido na vida, que se refere ao sentido nas situações, e com o sentido do mundo, que seria o sentido do universo. Essa psicoterapia acredita em uma visão de homem que se sustenta em três princípios fundamentais: a liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. (FRANKL,2011)

A primeira, liberdade de vontade, se opõe ao determinismo, mostrando que por mais que o homem não seja livre de algumas condições, ele é livre para tomar uma atitude diante delas. Já a vontade de sentido, refere-se a força mais básica do homem na direção de



encontrar e realizar sentidos e propósitos. O terceiro princípio, como o próprio nome já sugere, baseia na ideia de que existe um sentido na vida, sentido esse que o homem sempre esteve a buscar e que é livre para engajar-se na realização dele ou não (FRANKL, 2011). Fabry (1984) vai trazer a ideia de que o sentido é único e pessoal e que a vida tem uma série ininterrupta de sentidos que estão em movimento, não podendo uma pessoa se apropriar do sentido de outra.

Desta forma, entende-se que a busca por sentido é pessoal e intransferível e que não existe um sentido universal da vida, mas sentidos únicos em situações individuais, entretanto entende-se também que nessas situações existem aquelas que podem ser comum a várias pessoas, o que leva a um compartilhamento de sentido, neste caso, não sendo um sentido apenas em situações únicas, mas sentidos que dizem respeito a própria condição humana, estes sentidos são chamados de sentidos universais, isto é, os valores (FABRY, 1984).

A logoterapia trabalha com o conceito de valores, sendo estes considerados aquilo que o sujeito estima e que o direciona a descobrir o sentido de sua vida, entendendo que eles não ensinados, mas sim vividos. Guilherme (2007) diz que, fenomenologicamente falando, o ser humano pode encontrar e descobrir o sentido de sua vida através de três caminhos fundamentais, assim, explicita as três categorias de valores trabalhadas por Frankl: valores criativos, que está relacionado ao deixar algo para o mundo; os valores experienciais, encontrado nas relações com pessoas, natureza, etc; e os valores atitudinais, que é vivido em situações que não podem ser alteradas e que o sujeito precisa lidar com fatos irreparáveis e irreversíveis, por mais que estes tenham lhe causado sofrimento.

Frankl (2013) ensina que é possível encontrar um sentido para o sofrimento, não dizendo que o sofrimento é necessário para se obter sentido, mas que no momento em que o sofrimento é inevitável, diante de uma situação que não pode ser mudada, o ser humano é desafiado a mudar a si mesmo. O desafio do sujeito é mudar sua atitude frente ao destino inalterável, ele afirma também, que o sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício. Assim, através de valores atitudinais é possível encontrar sentido em qualquer sofrimento. Além disso, entende-se que:

Há uma diferença entre a atitude que se decide ter diante do sofrimento e da culpa, respectivamente. No caso do sofrimento, a postura que se assume é relacionada a um destino. Como vimos, de outra maneira, o sofrimento não renderia sentido. No caso da culpa, no entanto, a atitude que se toma diz respeito a si mesmo. Ora, no caso do destino, estamos falando de um curso que não pode ser mudado – de outra forma, não seria destino. O homem contudo, pode, sim, mudar a si mesmo – de

outra forma, não seria homem. É prerrogativa do ser humano – e parte constituinte de sua existência – a capacidade de definir-se e redefinir-se. Em outras palavras, é privilégio do homem a possibilidade da culpa, bem como sua responsabilidade em superá-la. (Frankl, 2011, p. 94-95)

Guilhermo(2007) afirma que os valores atitudinais se realizam em três contextos, que são conhecidos como a tríade trágica da existência humana: O sofrimento e a dor, a culpa e a morte. Apesar de ser difícil ter atitudes otimistas nesta situação, a logoterapia acredita que não existe nenhum aspecto trágico na condição humana que não se possa tomar uma atitude, podendo ultrapassar essa dimensão trágica e encontrar um crescimento humano. Isso também se dá pela visão de homem desta teoria, que apresenta o ser humano como livre e responsável, acreditando que por mais que as circunstâncias não sejam favoráveis, em última instância, quem decide é o sujeito.

Na logoterapia, diferente de algumas abordagens da psicologia, a religiosidade é a expressão da busca humana pelo sentido, sendo nela o lugar que o homem dá a resposta e na religião o lugar onde ele recebe essa resposta (FRANKL e LAPIDE, 2014). Não querendo dizer que os não religiosos não encontram sentido, até porque existem vários recursos noéticos que direcionam ao sentido, mas afirmando que para a logoterapia a religiosidade é uma atitude autêntica e faz parte da esfera do fenômeno humano.

A orientação de Frankl (2011) é não ultrapassar o limite entre psicoterapia e religião, mas este esclarece que a logoterapia deixa “a porta aberta” para que o paciente escolha passar por ela ou não, entendendo que, a psicoterapia diz respeito à promoção de saúde mental, já a religião se concentra na ideia de salvação. Frankl diz que a religião supre o homem de âncora espiritual, isto é, de uma segurança que ele não encontraria em nenhum outro lugar, podendo ser esta segurança que os surdos têm procurado e têm encontrado.

## **CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA ENCONTRO DE SENTINDO ATRAVÉS DO *COPING* RELIGIOSO/ESPIRITUAL**

Da mesma forma que os ouvintes, os surdos passam por situações em que existem traumas instaurados, conflitos não resolvidos, angústias que incomodam e dificuldade de lidar com suas emoções, entretanto, um processo psicoterápico para esse público é bem mais difícil do que para os ouvintes (GONÇALVES, 2009). Assim, esses sujeitos precisam desenvolver outros recursos para lidar com todas essas emoções e dificuldades, podendo encontrar na religião as respostas para muitas de suas perguntas. Como Frankl e Lapide (2014) afirmaram e

foi citado acima, na religião se encontra respostas que em nenhum outro lugar pode-se encontrar, como por exemplo, o porquê de ser surdo, pois entende-se que essa pergunta, não é apenas natural ou biológica, mas existencial.

É importante esclarecer que em nenhum momento o objetivo desta colocação é comparar o processo psicoterápico com o que se entende por suporte religioso, são trabalhos distintos, assim o que se pretende é apontar estes como uma forma de estratégia diante das adversidades, neste caso o *Coping* através de acompanhamento psicológico seria bem mais difícil, para o sujeito surdo, do que o *Coping* Religioso/Espiritual. Esta dificuldade se dá pela acessibilidade citada anteriormente quanto a comunicação, sendo difícil encontrar profissionais de psicologia que saibam sinalizar em LIBRAS para atendê-los.

Desta forma, a religiosidade e a espiritualidade podem atuar nos surdos como uma estratégia utilizada para enfrentar os sofrimentos diários e para, muitas vezes, aliviar a culpa diante dos questionamentos existenciais, além de respondê-los, sendo assim, a busca por esta religiosidade pode caracterizar-se como uma expressão de valor atitudinal a partir do momento em que o sujeito, diante da situação na qual ele não pode alterar, se posiciona, mudando a si mesmo, neste caso, a maneira de enxergar a sua existência.

Frankl (2007) diz que a religiosidade ou é existencial ou não é nada e que a verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas caráter de decisão, além disso, Frankl considera que o homem religioso é aquele capaz de assumir a sua vida como uma missão a ser cumprida, experienciando a instância de onde a missão lhe vem, e como busca do encontro com esta instância (FRANKL, 2008 apud OLIVEIRA, 2014).

Logo, a partir da expressão dos valores atitudinais o sujeito pode encontrar o sentido no sofrimento vivido, reafirmando que o sofrimento falado não refere-se ao ser surdo, mas as dificuldades diárias citadas anteriormente. Moreira e Holanda (2010) afirmam que é possível o homem superar a si mesmo, a partir do sofrimento, desde que o foco não esteja na dor, ou na adversidade, mas sim, nas possibilidades diante das situações e nas potencialidades do sujeito. Muitos dos surdos que se inserem nos grupos religiosos, participam ativamente destes, inclusive na liderança de grupos, isto mostra que o foco não está nas dificuldades, mas sim na promoção daquilo que o sujeito tem de saudável, além da presença de outra categoria de valores, os experienciais, não apenas com o grupo, mas como o Sagrado, e consequentemente o desenvolvimento da habilidade de resiliência deste.

Para Moreira e Holanda (2010), resiliência é a capacidade que o homem tem de passar por situações difíceis e sair fortalecido delas. Na logoterapia o conceito está relacionado à proteção do psiquismo e a modificação de comportamentos negativos em possibilidades,

entendendo que todo ser humano, pode encontrar um sentido no sofrimento, ou seja, sempre existe a possibilidade de ser uma pessoa resiliente. Assim, Amaro (2014) afirma que, quando uma pessoa consegue encontrar um sentido na vida e no sofrimento que não pode evitar, esta, tem uma inclinação para ter comportamentos resilientes. Para desenvolver essa resiliência, a pessoa pode optar por diversas estratégias, inclusive, o *Coping* Religioso/Espiritual, assim, ele pode ser um recurso utilizado pelo surdo para essa busca de sentido e conseqüentemente para o encontro desta resiliência.

É notória a importância do *Coping* Religioso/Espiritual na vida da pessoa surda, pois esse recurso, como já falado, é uma expressão da dimensão noética, e este, ao ser estimulado, traz um fortalecimento para esta dimensão, propiciando o desenvolvimento das potencialidades do sujeito e sendo extremamente importante na saúde deste. Silva e Silva (2014) declaram que o bem estar espiritual vem sendo considerado como uma das condições para a saúde humana e que o fortalecimento deste bem estar pode auxiliar na redução da angústia e na promoção da saúde mental, fazendo parte do conceito de saúde mais recente apresentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A revisão de literatura desenvolvida neste artigo apresenta a história da comunidade surda, seus desafios, suas conquistas e a sua atual condição na sociedade, além disso, torna possível o entendimento sobre a religiosidade, a espiritualidade e a maneira na qual estas podem atuar no surdo como uma forma de *Coping*, auxiliando-os com situações de estresse diário. Assim, através de um olhar logoterápico, pôde-se analisar e descrever as contribuições acerca deste recurso, que vai além de mecanismos psicológicos, sendo também, mecanismos espirituais que podem contribuir para encontro de sentido.

Destaca-se também a importância desse trabalho, pois, existe uma escassez de estudos sobre a relação psicologia e comunidade surda, apesar da abrangência de anos colocada na pesquisa, além disso, faz-se extremamente importante um olhar psicológico para esses sujeitos que passam por sofrimento, não apenas psicológico, mas moral, que enfrentam desafios como a dificuldade de comunicação e o preconceito, e que precisam desse suporte para aprender a lidar com os sentimentos que emergem como conseqüência desses acontecimentos, pois apesar de alguns estarem encontrando essa força na religiosidade, existem outros que não utilizam desses recursos e precisam ser alcançados.

Entende-se que este estudo é apenas teórico e que se faz necessário uma pesquisa empírica para constatar esses dados, entretanto, através do aporte teórico é possível perceber a possibilidade dessa busca de sentido através da fé e da religiosidade, além de contribuir para o bem estar espiritual da pessoa e, por conseguinte, uma promoção de saúde física e mental.

## RELIGIOUS / SPIRITUAL COPING IN THE DEAF COMMUNITY: CONTRIBUTIONS OF LOGOTHERAPY TO THE MEETING OF SENSE

### **ABSTRACT**

Themes and actions aimed at social inclusion have gained space in all areas of society and religion is no different. Many religious institutions have come up with various strategies to embrace the largest and broadest of followers. Bringing this information to the reality of the deaf community, it is possible to see that many of these institutions are adhering to the use of an interpreter to signal during their meetings, with some of them specific actions for this public, thus raising an approximation with religion and consequently, an increase in the number of meetings. The present article deals with a literature review aimed at describing and analyzing the contributions that logotherapy brings about the search for meaning through religious / spiritual coping in the deaf community. From this analysis and description it was possible to observe how this coping strategy can be effective in deaf people and their importance for the spiritual development and the mental and physical well being of the deaf.

**Keywords:** Deafness, logotherapy, religiosity, coping, spirituality

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARO, L. da S. **Resiliência, religiosidade e sentido de vida em mulheres com câncer de mama**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa, 2014;

AMATUZZI, M. M. *et al.* **Psicologia e Espiritualidade**. Cap. 5. VALLE, J. E dos R. **Religião e espiritualidade: um olhar psicológico**. São Paulo: Paulus, 2005.

ANGERAMI, V. A. *et al.* **Psicologia e Religião**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BRASIL. Lei Federal 10.436, de 24 de Abril de 2002. Língua Brasileira de Sinais – Libras, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)> Acessado em: 31 de Outubro de 2016.

BRASIL. Decreto Federal 5.626, de 24 de Abril de 2002. Língua Brasileira de Sinais – Libras, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)> Acessado em: 31 de Outubro de 2016;

FABRY, J. B. **A busca do significado**. 1 ed. São Paulo: ECE, 1984

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 16 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007;

\_\_\_\_\_. **A vontade de sentido**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2011;

\_\_\_\_\_. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 34 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2013;

FRANKL, V.E; LAPIDE, P. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014;

FRAZAO, F. **Apesar de avanços surdos ainda enfrentam barreiras de acessibilidade**, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/09/apesar-de-avancos-surdos-ainda-enfrentam-barreiras-de-acessibilidade>> Acesso em: 15 de nov. 2017.

GIOVANETTI, J. P. **Psicologia existencial e espiritualidade** . In: AMATUZZI, M.M. (Org). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.



GESSER, A. **Libras? que lingua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GONÇALVES, P. C. S. **Atendimento psicológico para surdos**, 2009. Disponível em: <<http://psisurdos.blogspot.com.br/p/atendimento-psicologico-para-surdos.html>> Acesso em: 27 nov. 2017.

GOMES, J. C. V. **Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl**. São Paulo, Editora Loyala, 1992.

GUILHERMO, P. H. **Viktor Frankl, comunicación y resistència**. 1 ed. Buenos Aires: San Pablo, 2007;

LOPEZ, M. A. **Religião na construção da subjetividade: psicólogos e seus clientes** . In: ANGERAMI, V.A. (Org). Psicologia e Religião. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MOREIRA, N; HOLANDA, A. **Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa**. Psico-USF, 2010.

OLIVEIRA, K. G. **O sentido da vida, a religiosidade e os valores na cultura surda**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa, 2013;

OLIVEIRA, K. G; AQUINO, T. A. A. **Logoterapia e cultura surda: adaptação e validação do questionário sentido de vida para o contexto de pessoas surdas**. Revista Logos e Existência, 2014.

SILVA, J. B. da; SILVA, L. B. da. **Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida**. Revista Logos e Existencia, 2014.

STROBEL, K. **Historia da Educação de Surdos**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Florianópolis, 2009.

STROPPA, A; MOREIRA-ALMEIDA, A. **Religiosidade e saúde** . In: FREIRE, G; SALGADO, M. I. (Orgs). Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina. Belo Horizonte: Inede, 2008.

TENENTE, L. **Surdo que fez nota mil no Enem passa em 1 lugar, mas deixa cursos por falta de acessibilidade**, 2017. Disponível em:  
<<https://g1.globo.com/educacao/enem/2017/noticia/surdo-que-fez-redacao-nota-mil-no-enem-passa-em-1-lugar-mas-deixa-cursos-por-falta-de-acessibilidade.ghtml>> Acesso em: 15 de nov. 2017.

VALLE, J. E. dos R. **Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico**. In: AMATUZZI, M.M. (Org). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

XAUSA, I. A. de M. **A psicologia do Sentido da Vida**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2011;

WITKOSKI, S. A; FILIETAZ, M. R. P. *et al.* **Educação de Surdos em Debate**. 1 ed. Curitiba: Editora UTFPR, 2014.